UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

NUCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS SOBRE O IMAGINARIO

CONGRESSO INTERNACIONAL

XIV CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINARIO

AS DIMENSOES IMAGINARIAS DA NATUREZA

PRODUÇÕES E PESQUISAS
ANAIS
ISBN : 978-85-61744-01-4
29 DE OUTUBRO A 1 DE NOVEMBRO 2006
RECIFE/2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
Reitor: Prof. Dr. Amaro Henrique Pessoa Lins
Vice-reitor: Prof. Dr. Gilson Edmar Gonçalves e Silva

CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
Diretora: Profa. Dra. Edvânia Torres Aguiar Gomes
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
Chefe: Prof. Dr. Russel Parry Scott

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
Coordenador: Prof. Dr. Bartolomeu Tito Figueirôa de Medeiros
Vice-coordenadora: Profa. Dra. Judith C. Hoffnagel

NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE PESQUISAS SOBRE O IMAGINÁRIO
Coordenadora: Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta
Vice-coordenadora: Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira

XIV CICLO DE ESTUDOS SOBRE O IMAGINÁRIO
Coordenação: Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta

COMISSÃO CIENTÍFICA:
Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta - Brasil (UFPE)
Profa. Dra. Elda Rizzo - Brasil (UNESP)
Prof. Dr. Giampaolo Catelli - Itália (Univ. Catania)
Prof. Dr. Gilbert Durand - França
Prof. Dr. Ionel Buse - Romênia - (Univ. Craiova)
Prof. Dr. Marcos Ferreira Santos - Brasil (Lab_arte e CICE-USP)
Profa. Dra. Maria Cecília Sanchez Teixeira - Brasil (CICE-USP)
Profa. Dra. Maria Noel Lapoujade - México (UNAM)
Prof. Dr. Michel Maffesoli - França (CEAQ – Paris V)
Prof. Dr. Mondher Kilani - Suíça (Univ. Lausanne)

COMISSÃO ORGANIZADORA:
Profa. Dra. Danielle Perin Rocha Pitta - UFPE (Brasil)
Profa. Dra. Maria Aparecida Lopes Nogueira - UFPE (Brasil)
Prof. Dr. Bartolomeu Figueirôa - UFPE (Brasil)
Profa. Dra. Maria das Vitórias N. do Amaral - UFPE (Brasil)
Prof. Dr. Mondher Kilani - Universidade de Lausanne (Suíça)
Prof. Dr. Ionel Buse - Universidade Craiova (Romênia)
Prof. Dr. Giampaolo Catelli - Catania (Itália)
Prof. Dr. Eduardo Duarte - UFPE (Brasil)
Tania Pitta - CEAQ - Paris V (França)
Gilda Macedo - UFPE (Brasil)
Rita Garcez - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)

COMISSÃO DE APOIO
Alba Maranhão - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Dulce Figueiredo- Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Eduardo Romero Lopes- Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Gustavo Morais - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Ignez Aguiar - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Solange Santiago Ramos - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Virgínia Collier Mendonça - Associação Ylê Setí do Imaginário (Brasil)
Secretaria Geral: Irany Diniz

APOIO PARA O EVENTO: MINISTÉRIO DA CULTURA, PROEXT, PROPESQ, PROPLAN, CONSULADO GERAL DA FRANÇA, EMBAIXADA DA FRANÇA NO BRASIL, FADE, CNPQ, CAPES, FACEPE, POTYLIVROS, FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU, FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO

ORGANIZAÇÃO DOS ANAIS: SOLANGE SANTIAGO RAMOS

REVISÃO GERAL: DANIELLE PERIN ROCHA PITTA

SUMÁRIO

30 anos de Estudos do Imaginário no Recife **7**

I - APRESENTAÇÃO **9**

As Dimensões Imaginárias da Natureza 10
Danielle Perin Rocha Pitta (Coordenadora do Núcleo de Pesquisas sobre o Imaginário /Presidente da Associação Nacional Ylê Setí do Imaginário)

II - PRE-CONGRESSO **11**

CONFERÊNCIAS
A poética do devaneio e a natureza arquetipal em Bachelard 12
Maryvonne Perrot (Centre Gaston Bachelard de Recherches sur L'imaginaire et la Rationalité)

O imaginário do clima na tradição Vaudou no Benin (África do oeste) 15
Jocelyne Perard (Centre de Recherches de Climatologie - U. de Bourgogne - Fr)

III - CONGRESSO **24**

CONFERÊNCIA DE ABERTURA
Invaginação do sentido 25
Michel Maffesoli (CEAQ - Paris V - Sorbonne – França)

CONFERÊNCIAS PLENÁRIAS
Du Mythe de L'Atlantide à L'ile Grecque de Santorin 33
Jean Libis (Presidente da Associação dos Amigos de Gaston Bachelard)

Oikós: Topofilia, Ancestralidade e Ecossistema Arquetípico 41
Marcos Ferreira Santos (LAB_ARTE E CICE - FE – USP)

CONFERÊNCIA DE ENCERRAMENTO
A natureza recuperada 73
Edgard de Assis Carvalho (PUC-SP)

IV - MESAS REDONDAS **84**

MESA REDONDA I**:**
Rondônia – Tecnologias do Imaginário, Fronteiras da Colonização e Violência 85
Coordenação: Juremir Machado da Silva (PUC/RS)

MESA REDONDA III**:**
O sagrado nos esquemas de materialidade imaginal 93
Coordenação: Iduina Mont'Alverne Braun Chaves (CICE-UFF-RJ)

MESA REDONDA V:
Subjetividade, imaginário e natureza 114
Coordenação: Francimar Duarte Arruda (UFF)

MESA REDONDA VI:
"Dialogia natureza-cultura" 120
Coordenação: Maria Aparecida Lopes Nogueira (UFPE)

MESA REDONDA VII:
Lógicas heterodoxas aplicadas aos modelos culturais 130
Coordenação: Ângela Maria Paiva Cruz (UFRN)

MESA REDONDA XI:
Saberes culturais sobre a natureza: polifonia de olhares 138
Coordenação: Angelina Batista (UNESP)

MESA-REDONDA XII:
Dimensão Imaginária da Natureza de Ser Humano –
Aspectos Polêmicos do Cotidiano Escolar 145
Coordenação: Eloíza da Silva Gomes de Oliveira (UERJ)

V - FÓRUNS TEMÁTICOS **157**

FÓRUM TEMÁTICO I:
O homem velho e a natureza: imagens, mitos, arquétipos e símbolos mediadores
no diálogo em diferentes tempos e culturas 158
Coordenação: Altair M. Lahud Loureiro (UCB, UNB / CEDF)

FÓRUM TEMÁTICO II:
Tecnologia, natureza e imaginário 177
Coordenação: Gustavo Morais (UFPE) e Cláudio Paiva (UFPB)

FÓRUM TEMÁTICO III:
Do Imaginário das Matas e Florestas: Mitos, Ritos e Narrativas Populares 198
Coordenação: Beliza Áurea de Arruda Mello (UFPB)

FÓRUM TEMÁTICO V:
O lugar da natureza 214
Coordenação: Maria Aparecida Lopes Nogueira (UFPE) e
Normando Jorge de Albuquerque Melo (UFPE)

FÓRUM TEMÁTICO VI:
O imaginário cósmico e a religação natureza-cultura: implicações para a educação 301
Coordenação: Maria Cecília Sanchez Teixeira (FEUSP)

FÓRUM TEMÁTICO VII:
Revelações do Ser (Natureza) nos jogos do fazer (Cultura) 345
Coordenação: Maria Thereza de Queiroz G. Strôngoli (PUC-SP)

FÓRUM TEMÁTICO VIII:
"A natureza e o sagrado: mitos e práticas" 388
Coordenação: Maristela Oliveira de Andrade (UFPB) e Maria Otília Telles Storni (UFPB)

FÓRUM TEMÁTICO IX:
Ser Saudável no Quotidiano: Reencontrando a Dimensão Imaginária da
Natureza de Ser Humano 447
Coordenação: Rosane Gonçalves Nitschke (UFSC)

FÓRUM TEMÁTICO X:
Arquitetura contemporânea, natureza e poesia, espaços oníricos? 469
Coordenação: Tania Pitta (Paris 5)

FÓRUM TEMÁTICO XII:
Mulher, Natureza e Fecundidade: o Mito da Regeneração da Natureza e o Imaginário Feminino 478
Coordenação: Ionel Buse (Université de Craïova, Roumanie)

FÓRUM TEMÁTICO XIII:
Cogito Corporal, Caminhos Oximorônicos da Imaginação e Modelo Biomédico 521
Coordenação: Elda Rizzo Oliveira (UNESP-Araraquara)

FÓRUM TEMÁTICO XIV:
Natureza e cultura: relações entre imaginário, violência e corpo 548
Coordenação: Áurea M. Guimarães (VIOLAR/UNICAMP)

FÓRUM TEMÁTICO XV:
Arte e Educação - religações com a natureza 608
Coordenação: Maria das Vitórias Negreiros do Amaral (UGA/UFRPE) e
Rita de Cássia Costa Garcez Cirincione (A. Ylê Setí do Imaginário / NIEI / UFPE)

VI - COMUNICAÇÕES LIVRES **667**
Coordenação: Katiane Nóbrega (UFPE)

VII - MINI-CURSOS **709**

Mini-curso
"O universo simbólico da criança: olhares sensíveis para as paisagens da infância" 710
Adriana Friedmann

VIII - OFICINAS **714**

A arte de hunderwasser, o pintor das cinco peles 715
Cláudia Sperb

DEPRESSÃO: UM PERCURSO ATRAVÉS DOS MITOS

Marianna Protázio Romão
(UFPE)

Caracterização do Problema:

Pesquisar a depressão a partir de um olhar ampliado pela abordagem simbólica é o principal desafio proposto por este estudo, uma vez que se permite contrapor a práxis fundamentada no modelo da psiquiatria clássica pela qual fatalmente se busca compreender a doença. Esse olhar é importante para abertura de propostas terapêuticas e para diferenciação da psicologia do que é causalista, dicotômico e excludente no academicismo cartesiano.
A pesquisa foi desenvolvida num grupo terapêutico, em instituição tipo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), cuja abordagem é fundamentada a princípio na psicologia analítica de Carl Jung e na Arteterapia.
Não é a partir de premissas que positivistas que trabalharemos neste estudo, os paradigmas que nos servem de guia dão importância ao subjetivo, ao indizível, o que não precisa estar alterado *neuroquimicamente*.
A articulação mitologia-mitologia pessoal-sintoma- depressão foge às regras *causa e efeito*. Buscamos delinear uma ordem diferente, onde a imagem precede o racional, num tempo psicológico, e o que está por vir não necessariamente se fundamenta na história pessoal. Os limites de *realidade* têm se ampliado, mostrando a natureza em maior beleza e complexidade, interligada em todas as suas partes (Silveira, 1997).

Para explicitar qual o nosso fio condutor neste estudo sobre depressão, é necessário introduzir uma abordagem simbólica, que perpassa a teoria antropológica do imaginário. Olhando do ângulo, não necessariamente verdadeiro, mas devidamente integrado e sistêmico.

1. Abordagem Teórico-Metodológica

1.1. Teoria do Imaginário:

Levando adiante ou aprofundando - na descida pela busca do sentido – ficamos frente a frente com uma tradição pedagógica no Ocidente que se quer iconoclasta. Não no sentido da censura às imagens, mas na gratuidade epistemológica com a qual lidamos com elas. Um exemplo é o grande volume de imagens projetadas na mídia, mas que não estão integradas na corrente do pensamento acadêmico. São imagens reduzidas a um jogo estético, afastadas dos poderes inerentes a elas (Durand, 1982).
No percurso da reabilitação do imaginário, observamos uma aproximação entre as noções até então opostas de método racional, experimental, cartesiano e os ditos processos do símbolo, do místico e do poético. Os responsáveis por esse reencontro, nada mais são do que o próprio meio científico, através de Gaston Bachelard (Durand, 1982).
Este filósofo a partir do qual Durand formulou sua teoria, iniciou o estudo sistemático e interdisciplinar do símbolo. Resgatou a poética da sombra, devolvendo-a ao conhecimento, pelo simbólico, sensível e subjetivo (Pitta, 2005). Para Bachelard (1993), a imagem poética emerge em um súbito realce do psiquismo, não havendo qualquer relação causal em termos psicológicos que a determine. A relação da imagem com o arquétipo não é causal, mas sim o inverso: a partir da explosão de uma imagem, o passado irá ressoar em seqüência.

A revalorização do simbólico pelo científico, veio munida dos pressupostos de relatividade do tempo e do espaço, que diz: "um objeto não é independente do sistema que o comporta" (Einstein apud Durand, 1982), jogando por terra a idéia de objetividade absoluta.
A episteme repensada pela corrente da qual Durand faz parte, resulta em muitos princípios que diferem da epistemologia clássica, relaciono alguns dos mais importantes:
Primeiro "O tempo não provoca ou resulta de uma evolução linear irreversível" (idem), é o princípio da repetitividade, a repetição dos ciclos míticos que se observa nas mais diferentes épocas da humanidade, assim como na psique individual. Há a abolição da causalidade linear, observada desde há muito tempo nos fenômenos humanos que são recorrentes, redundantes. Há uma lógica de regressos.
Segundo "Os espaços da geometria são transcendidos por correlações objetivas de sentido, são transcendidos por um real semântico que escapa à espacialização" (idem). O símbolo é uma *coerência* no sentido físico deste termo, ou melhor, identidades diferentes são postas em conjunto sem que haja exclusão.
Terceiro "O determinismo não é de causa e efeito. Há um determinismo da complexidade" (idem), certa desordem que é produtora da ordem. O autor cita a noção de similitude, ou princípio das filosofias homeopáticas, em que o semelhante trata o semelhante. O que mostra um universo em homologias, funcionando num sistema de micro e macrocosmos. Ressurge aqui o simbólico.

1.2. Jung

A visão dicotômica do mundo, que acompanha os paradigmas positivista ou clássico, tal como certo e errado, luz e sombra, matéria e energia, razão e emoção é posta em cheque pela formulação de Jung do *unus mundus,* a hipótese da unidade psicofísica de todos os fenômenos, matéria e psique. A partir desse pressuposto, Jung reflete que a multplicidade do mundo empírico repousa sobre uma unidade subjacente. As coisas opostas, diferentes, divididas, são parte do mesmo mundo e se integram numa totalidade (Silveira, 1992).
Psique e matéria são idênticas e seguem leis semelhantes. O inconsciente para Jung é uma parte da natureza, algo objetivo, real, genuíno. O que é gerado a partir da atividade inconsciente deve culminar credibilidade, pois são "manifestações espontâneas de uma esfera psíquica não controlada pelo consciente, livre em suasformas de expressão" (JUNG apud Silveira, 1992), aí se enquadram os símbolos elaborados no inconsciente e que expressamos através de imagens.
Jung (Silveira, 1997) não considerava tarefa da psicologia analítica explicar as imagens poéticas ou artísticas. Seu trabalho, que o aproxima da epistemologia proposta por Bachelard, será a pesquisa sobre *as estruturas* da produção artística e imagens simbólicas emergentes da obra de arte indo além das relações causais da história pessoal do artista. Ele afirma que o símbolo não traz explicações, mas "impulsiona para além de si mesmo na direção de um sentido ainda distante, inapreensível, obscuramente pressentido e que nenhuma palavra da língua falada poderia exprimir de maneira satisfatória" (Silveira, 1997:71).
Segundo Jung (apud Whitmont, 2002), o pensamento abstrato e conceitual é uma forma de desenvolvimento secundário e tardio da mente humana, como *ilhas de segurança* criadas pelo consciente a partir da abstração das imagens carregadas emocionalmente, estas como a unidade básica ou original do funcionamento mental. O intercruzamento dos impulsos com cargas emocionais ativas focados nas imagens, gera a necessidade no pensamento de abstrair criando raciocínios e estabelecendo uma posição à primeira vista independente.
A imagem, portanto, não é constituída e explicada decisivamente pelos conflitos pessoais, ela é antecessora a tudo isso. Tais conteúdos apresentam-se idênticos nas mais diferentes épocas e culturas humanas. Não sendo variáveis ao infinito, são agrupados em categorias bem

definidas, sendo as bases para os outros fenômenos da psique, comuns a todos os seres humanos (Silveira, 1997). A tais bases, Jung dá o nome de *arquétipos*.
O arquétipo *está* no inconsciente coletivo, funcionando como um nódulo onde se concentra energia psíquica. "Quando essa energia, em estado potencial, se atualiza, toma forma, então teremos a *imagem arquetípica*. (...) O arquétipo é unicamente uma virtualidade" (Silveira, 1997:69).
É a partir de uma epistemologia que não a naturalista, mas sim influenciada pela corrente do imaginário e da psicologia junguiana, que se construirá aqui uma visão sobre a depressão em sua vertente subjetiva.

1.3. Sobre a Depressão:

De extensão demográfica ampla, ainda que sob diferentes denominações, a depressão tem se feito presente na contemporaneidade por motivos diversos. A tristeza ou pesar como um de seus sintomas prevalentes pode ser facilmente confundido por terceiros com a própria doença. No entanto, enquanto sintoma de uma doença, a tristeza depressiva é desproporcional às circunstâncias que eventualmente a tenham originado e não vai embora como um pesar circunstancial, prevalece sobre todas as tentativas de sair dele até minar a vontade de tentar (Solomon, 2002).
A Depressão se apresenta sob diferentes formas clínicas, que compreendem alterações no estado de humor ou afeto, seja rebaixamento ou elação do mesmo. Varia em grau de intensidade, de leve a severo, que pode ser determinada pelo número de sintomas. Dentre estes se destaca a diminuição do humor, redução da energia e diminuição da atividade. Alterações de interesse no lazer, na alimentação, na convivência social, dificuldades de concentração e de experimentação da sensação de prazer, alterações no sono, baixa auto-estima e autoconfiança, inclusive a somatização (Ballone, 2005).
É considerada uma doença complexa, não existindo unanimidade quanto à definição da depressão, pois as perspectivas analíticas e de tratamento são diversas Pesquisas indicam que apenas cerca de 50% de pessoas com depressão procuram um médico, aonde 95% destas vão a um clínico geral que não sabe o suficiente das doenças psiquiátricas para diagnosticá-las e tratá-las adequadamente, portanto, menos da metade das pessoas que têm esta doença identificada receberão tratamento adequado (Solomon, 2002).
Ey (1975) ressalta a importância de não reduzir a depressão a um determinante fisiológico, já que nas depressões biológicas: *"o bloqueio fisiológico pode ser não mais que parcial, enquanto que outras funções parecem em estado de ultraexcitação"* (idem). Ou seja, mesmo sabendo que a baixa de serotonina no organismo pode ser um desencadeante da depressão, sabe-se também que o mesmo fenômeno manifesta-se nos casos de enxaqueca; e pessoas com cefaléia crônica não são necessariamente deprimidas.
Solomon (2002) reflete que tudo que acontece no cérebro tem conseqüências e causas químicas, porque todos os seres humanos são constituídos de elementos químicos, assim como a grama, o tecido, a borboleta, a chuva. Se nos emocionamos durante a cena de um filme, houve um processo químico atuando tanto na realidade interna, quanto na realidade externa ao seu *eu*. Alguém pode se sentir menos responsável por sua doença já que o diagnóstico médico classificou-o num quadro de depressão química ou endógena e esse alívio também será químico:

> "'Estou deprimido, mas é só químico' é uma frase que equivale a 'Sou assassino, mas é só químico'. Tudo na pessoa é só química, caso se queira pensar nesses termos. (...) O sol brilha luminosamente e isso é só química também, e é pela química que as rochas são duras, e que o mar

> é salgado, e que certas tardes de primavera trazem em suas brisas suaves uma qualidade de nostalgia que agita o coração com anseios e devaneios adormecidos pelas neves de um longo inverno. 'Essa coisa de serotonina', diz David Mc Dowell, da Universidade de Columbia, 'é parte da neuromitologia moderna'. É um potente conjunto de histórias." (Solomon, 2002:22).

Ainda assim, há a necessidade de se enfatizar a importância da medicação no tratamento, pois facilitam a adesão do paciente à psicoterapia e a volta às suas atividades *normais*. No entanto, depois que a depressão termina nenhum psicofármaco será capaz de re-significar o eu mitigado pela doença.
Para Jung (Sharp, 1988), a depressão como uma neurose é uma tentativa de auto-cura onde o sistema psíquico se reajusta no sentido de encontrar um equilíbrio, tal como ocorre em qualquer outra doença física. Na depressão a energia libidinal regride culminando na formação de sintomas neuróticos, tais como o medo, ansiedade, culpa e mau humor. Porém, na ativação destes conteúdos do inconsciente, a partir do qual se desencadeia um conflito, há a intenção de compensar uma atitude unilateral da consciência. Encontra-se aí a importância da psicoterapia como o facilitador do reencontro do paciente em depressão com o significado perdido, culminando na remissão dos sintomas apresentados.

> Ficamos familiarizados com nossos complexos e nosso sofrimento. O ego, identificado como o arquétipo do herói, chama a repetição da neurose. (...) Do ponto de vista da alma, a repetição é uma maneira de nos tornarmos aquilo que somos" (Barcellos, in Hillman, 1988:16).

Assim, a metáfora do *aprofundamento* leva a psicologia arquetípica a concentrar-se como paradigma psicopatológico na depressão. Esta doença leva a pessoa para o fundo de si própria, diminuindo seu ritmo e seu intelecto, aproximando-a daquilo que está abaixo de sua vida cotidiana (Hillman, 1988).

1.4. Sobre Mitos:

De maneira geral, o mito é uma representação coletiva, transmitida através de muitas gerações e que remonta a uma explicação do mundo, aglutinando experiências vividas pela humanidade. Antes de ser palavra, o mito é imagem e circunscreve-se na psique humana, antecedente ao estágio onde se fixa como narrativa. Mircea Eliade (2002) elabora o mito como um modelo arquetípico para as criações, quer estas se desenrolem no plano biológico ou psicológico. Sua função mestra seria de fixar modelos exemplares para os atos significativos do homem, ricos pelo seu conteúdo e funcionando como exemplo, oferecendo um sentido, criando e anuncia algo.
Em sua narrativa estruturante, o mito quando estudado faz reviver a realidade primordial, "satisfaz a profundas necessidades religiosas, aspirações morais, a pressões e a imperativos de ordem social, e mesmo a exigências práticas" (Eliade, 2002). O processo de afastamento do dito sagrado é uma das variáveis que se interpõe na constituição de uma neurose moderna:

> "(...) a pessoa fica fora de si, incapaz de encontrar tanto a conexão interior consigo própria quanto a exterior com a humanidade. Ela não consegue mais fazer parte da sociedade nem participar dos rituais e das tradições. As coisas estão mortas pra ela e ela pras coisas. Desaparecem

> as vinculações com a família, os totens e a Natureza" (Hillman, 1984:42).

A remitologização da sociedade, analisada por Durand (1982), explica bem esse apelo de *ar fresco*, mostrando que o mito, a fantasia, o sonho são indispensáveis à vida humana e mesmo animal – pois assim o demonstram experiências em que se priva um gato de sonhar, culminando em alucinações, descargas súbitas de adrenalina, cólera, irritação, visões, medos.
A identificação do sujeito com determinados mitos, proporcionada pela fixação de sua energia libidinal em suas fontes arquetípicas, pode levá-lo a cumprir a trajetória mítica - que nada mais é que a condensação dos caminhos repetidamente trilhados pela espécie humana - repetindo as simbologias na sua própria vivência pessoal. O processo analítico poderá facilitar ao ego do sujeito confrontar-se com tais motivações inconscientes (Silveira, 1997). A partir desse confronto, torna-se viável uma transferência de energia entre consciente e tais conteúdos inconscientes ativados, expandindo o ego e conduzindo a psique individual a uma progressão de energia mais adequada (Sharp, 1988). "Se quisermos encarar os deuses hoje, é para nossas doenças que devemos olhar..." (Jung apud Maciel, 2000: 20)
O mito é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipo e de tendências a gestos que compõem um relato, uma história. Os símbolos aparentes neles, são representações que fazem *aparecer* um sentido oculto (Pitta, 2005).
Em seu estudo sobre a relação entre imagens colhidas de diversas culturas, Gilbert Durand notou que as imagens se congregam em dois grandes grupos de significado próprios da dinâmica daquela cultura. Reagrupou assim em dois regimes: o diurno e o noturno.
O primeiro caracteriza-se pela divisão em opostos (alto/baixo, esquerda/direito, feio/bonito, bem/mal, etc.), regido pela luz, que favorece a distinção, o debate (Pitta, 2005).
O regime noturno é união dos opostos, complemento, harmonia, regido pela noite, escuridão, que unifica e concilia. Dentro dele existe a estrutura sintética, que remete ao movimento cíclico do destino e da tendência ascendente do progresso do tempo (idem).
A essência dialética do símbolo se estende à psique do homem e da sociedade, exercendo constante reequilibração em diversos planos, o equilíbrio vital, que por meio das artes de forma geral, empreende uma tentativa de ultrapassar o destino mortal. Exerce também o equilíbrio psicossocial, e antropológico, num nível do indivíduo e da sociedade – equilíbrio esse que pode se observar no curso da própria história humana (idem).
É na perspectiva de que mito e psique funcionam em uníssono e que podemos através do primeiro compreender o funcionamento do segundo, que este estudo pretende aprofundar tal relação.

2. Objetivos

O objetivo geral consiste em identificar nas imagens do paciente deprimido que relação existe entre as estruturas míticas do seu discurso e sua predisposição à ação. Sendo os objetivos específicos:

- Identificar os mais freqüentesmitemas
- Identificar relações sociais estabelecidas a partir da perspectiva mitológica

3. Metodologia

Amostra:

Os sujeitos que fizeram parte da pesquisa tiveram seus nomes trocados de forma a preservar a

confidencialidade e anonimato dos dados, condição esta disposta no termo de consentimento assinado por eles. Todos pertencem à camada socioeconômica média a média alta da população. Totalizam 03 participantes com diagnóstico de depressão, quais sejam:

Apolo, 52 anos, sexo masculino, curso superior completo;
Midas, 56 anos, sexo masculino, curso superior completo.
Moisés, 54 anos, sexo masculino, curso superior completo.

Campo de pesquisa:

Os participantes fazem parte do corpo de usuários de uma instituição de saúde mental do tipo CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), que atende a uma demanda de Neuroses Graves e Dependência Química. Nesta clínica são oferecidos oficinas e grupos terapêuticos, psicoterapia individual, terapia corporal e acompanhamento psiquiátrico. Três refeições diárias são oferecidas na instituição e há momentos de descanso nos intervalos dos grupos.

Os grupos desta pesquisa foram realizados no salão principal, que conta com colchonetes e almofadas, onde os participantes sentaram-se em formato de círculo. Durante a narração do mito e no decorrer de todo o grupo, sentei-me no mesmo nível que eles, também em formato do círculo.

Técnicas de pesquisa:

3.3.1. Estudo etnográfico: observação e descrição quando o participante estiver em interação social na instituição ou realizando atividades grupais.
3.3.2. Leitura (narração) de um mito a cada 03 (três) encontros, com hora e local de conhecimento prévio dos participantes. A partir da narrativa, foi facilitada uma discussão, na qual os participantes puderam expor opiniões. Esta discussão foi gravada em áudio, mediante a autorização por escrito que consta no "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido".
Escolhi os mitos a partir do livro "Uma Viagem Através dos Mitos" de Liz Greene e Sharman-Burke (2001), que relaciona em seqüência uma série de mitos de várias culturas. Selecionei três desses mitos, cada um correspondendo a uma fase do processo de individuação, segundo as autoras: "Pais e Filhos", "A Saída de Casa" e "Paixão e Rejeição".

Tratamento dos dados

A observação etnográfica feitas dentro e fora dos grupos em que o sujeito participou foi registrada em dados que dão conta da postura/gestual e discursos durante interação social.
Os dados obtidos a partir das discussões gravadas foram processados organizando-os em grandes categorias dos núcleos mais freqüentes, redundantes – sejam frases, palavras, lugares, cenários – identificados no discurso. Em uma segunda etapa, foram identificadas quais seqüências interessam dentro da perspectiva mítica do imaginário, estas foram destacadas e lidas diacronicamente. Posteriormente, foi realizada uma análise qualitativa de cada categoria deste discurso, em relação às imagens apresentadas na mesma sob o viés das abordagens teóricas relacionadas. Análise tendo como base a classificação de imagens do livro "Estruturas Antropológicas do Imaginário" (Durand, 1997).

4. O sujeito *mito-logico*

4.1. Etnografia:

O primeiro grupo foi realizado no salão principal da clínica CAPS. Inicialmente, expliquei que aquele evento seria parte de uma pesquisa sobre "Depressão e Mitos" e que no momento posterior à narração, seus discursos seriam gravados e utilizados somente mediante sua autorização. Dois dos participantes não assinaram o termo de compromisso e não tiveram seu discurso utilizado aqui. O mito narrado foi "Órion e Enopião". Este mito de origem greco-romana fala em linhas gerais – sobre "a tentativa de um pai de ser dono de sua filha e sobre a destruição que ele desencadeia quando surge um pretendente para ela" (Greene e Sharman-Burke, 2001).
O mito narrado na semana seguinte foi "Adão e Eva", história de origem hebraica que consta na Bíblia. Quatro dos participantes autorizaram a utilização dos dados nesta pesquisa. "Adão e Eva" perpassa os temas de separação e perda. "Podemos entendê-la como um paradigma moral; ou podemos ver nela uma alegoria da separação original da mãe por ocasião do nascimento. Ela é verdadeira em muitos planos (...)" (Greene e Sharman-Burke, 2001).
O terceiro mito, narrado algumas semanas depois foi "Eco e Narciso". Mito também de origem greco-romana que fala, dentre outros temas, sobre paixão e rejeição, mostrando as conseqüências da retaliação e vingança (Greene e Sharman-Burke, 2001). Assim como também faz uma referência à auto-imagem, à comunicação, os temas destacados dependem sempre dos pontos de vista de quem os escuta, como será visto na análise dos dados. No entanto, estão dentro de um sistema de símbolos aproximados. Foram analisados os discursos de apenas três participantes deste grupo, que autorizaram a utilização dos dados.
Após a conclusão da narrativa, a consigna foi dada no sentido de que os participantes pudessem falar sobre o que mais lhes chamou a atenção. Do discurso gravado, relaciono aqui as categorias e a respectiva análise feita a partir das mesmas.
A escolha do pseudônimo que utilizei para cada participante está baseada numa aproximação a partir de sua história pessoal que identifiquei previamente com personagens mitológicos. Esta denominação não caracteriza fruto da análise dos dados, o que não exclui uma eventual aproximação na própria análise a partir dos dados obtidos.

a. Participante Midas:

Midas, 56 anos, sexo masculino, curso superior completo. Nascido no interior de Pernambuco, chegou ao Caps com a queixa de humor deprimido, heteroagressividade. Relaciona sua sintomatologia à traição que o irmão do qual era sócio teria cometido, em conseqüência da qual perdeu seus bens e o poder que exercia. Depois disso fez um concurso público, e passou a ter uma renda bem inferior a de antes. Mudou-se para Recife desde então. No relacionamento familiar queixa-se da sexualidade com a esposa, que hoje trabalha enquanto ele é aposentado. O diagnóstico psiquiátrico provisório é F31.0, que corresponde a transtorno afetivo bipolar, alternando depressão e elação de humor.
No relacionamento interpessoal dentro da instituição, Midas comporta-se com carisma, principalmente com as mulheres mais jovens, das quais geralmente fica amigo. Deixa claro que são apenas brincadeiras que tem como finalidade descontrair e aproximar.
As categorias de cada participante foram identificadas com base na análise mitocrítica (Durand, 1984). Os termos que as constituem foram destacados do discurso de Midas nos grupos. Existe por trás do discurso uma estrutura mítica, um esquema geral chamado mitologema: soma dos elementos antigos transmitidos pela tradição mitológica. Por exemplo, a descida aos infernos e subida posterior para uma redenção (Durand, 1984). Os termos que foram destacados nesta análise são mitemas: unidades constitutivas desses mitologemas.
Mitemas heróicos de luta, da ascensão, estão simbolizados no discurso por imagens como "A criança quando cresce, que ele casa, ele vai viver com o suor do rosto dele (...)" (trecho

destacado a partir do discurso de Midas). Segue o que foi posto em relevo por meio de tais estruturas, "o mito que atua por detrás da narrativa" (Durand, 1984).
A principal categoria de Midas que denominei "*De Urano a Zeus"* (Poder, Posse, Herói) foi identificada como uma das mais freqüentes recorrências dele, tendo sido constituída com trechos registrados em todos os três grupos realizados. Ela é composta por três subcategorias que se relacionam entre si, em função do isomorfismo de suas imagens, quais sejam: Poder, Posse e Herói.
Nomeei uma das subcategorias por "Poder", pois os núcleos que a compõe fazem clara referência a ações, gestos e intenções que permeiam esse substantivo. Tais referências estão exemplificadas pelos núcleos como manipulação, o querer, o status. Já a subcategoria "Posse" está imbricada com referências a situações que remetem a dinheiro, a propriedades, a classes sociais. As duas estão intrinsecamente relacionadas, podendo mesmo articular-se em uma só tal qual "poder aquisitivo". Mitos e Histórias que tratam do mitema poder, dificilmente afastam-se de uma referência à posse.
Compondo o regime diurno identificado nas imagens do Poder e da Posse, configurou-se também a subcategoria Herói. Seus símbolos remetem a mitemas de conquistas, lutas, verticalidade, competição, a busca do que é de valor, a vitória sobre o que ousa ameaçar. Encontramos esses referidos mitemas também nos trechos que se seguem:

> *"Isso aí é a manipulação que os seres humanos sofrem, não só Órion sofreu a manipulação do rei, mas outras pessoas também sofrem. Aí o negócio é ficar manipulando, usando a gente pra conseguir o que ele quer; o desejo dele". (Órion e Enopião)*
> *"O dia que você quiser me devolva ela, os filhos, que se eu tiver vivo eu aceito de volta. Agora, não toque num fio de cabelo dela, não! Que eu não vou gostar". (Órion e Enopião)*
> *"Ele quer dar o melhor, quer que passe no vestibular ou pós (...). Se tiver um pouquinho de condições no momento, compra um carrinho, aí quer dar um apartamento ao filho. Quer dar um suporte melhor aos filhos" (Adão e Eva).*

Midas parece seguir um roteiro em que fixa suas principais preocupações na aquisição e manutenção de um poder não apenas econômico, mas, sobretudo patriarcal, daí eu ter nomeado por "Urano a Zeus", fazendo referência ao mito de criação do universo.
Por algum tempo, Urano foi o todo-poderoso do Universo em criação, o primeiro grande Pai. Seus filhos com Gaia eram a personificação dos elementos devastadores da natureza, que opunham dificuldades ao surgimento da ordem. Revoltado com eles, Urano aprisionava-os na habitação abaixo da terra - o Tártaro, de maneira que reinava sozinho e detinha todo o poder (Maciel, 2000). A consciência paterna que compõe esse mito pode ser traduzida pela esmagadora ascendência do coletivo sobre o individual. Numa postura arcaica ele aprisiona os filhos. Midas se contradiz nesse aspecto.

> *"Tô dizendo assim... Porque eu acho que filho não é da gente, não".*
> *"E esse rei aí, ele queria a menina pra ele, eu acho".*
> *"Ele queria a menina pra ele". (Órion e Enopião)*

> *"A outra foi em Brasília disse: 'eu vou... Agora eu vou pra Brasília também'. E a gente não quer isso, quer que eles permaneçam ao lado da gente" (Adão e Eva).*

Há também no discurso mitemas do rei que julga o certo e errado, do pai que quer manter os filhos no éden ou ainda incorporá-los de tal forma a "*deixar de ser um pouco ele pra ser mais o filho dele*", remetendo ao mito de Cronos outro deus-pai. Cronos é endurecido pelo desejo de poder e medo do que é novo. Esta aparente contradição, onde em determinado momento o participante diz: "*filho não é da gente, não*" e em outro momento "*quer que eles permaneçam ao lado da gente*" denota uma cisão própria da neurose onde a rigidez da consciência se coloca num pólo oposto ao inconsciente.
Midas recebeu como herança paterna e materna exigências que tem ascendência sobre a sua psique. Tal qual a o próprio personagem mitológico Rei Midas está fixado em um enredo de valorização do dinheiro e do poder, do qual está tentando aos poucos se diferenciar.

> *Tu achas que existia uma... Essa tendência de querer os filhos pra si? "Não. Essa tendência era de papai. Mas de mamãe, ela queria que a gente estudasse muito, que tinha que ser muito rico (...) Todo mundo que estudasse era só dez no colégio, pra todo mundo lá em casa ser rico. Quando começasse a namorar uma menina mamãe dizia logo: Ela é da família de quem? Que era pra ver se a menina... Teve um mesmo que casou com uma doutora, mamãe só faltava mesmo... Bajulava tanto a doutora, 'porque ela é médica' (...)" (Órion e Enopião).*

Num sentido terapêutico, é importante a transformação destas estruturas arcaicas de estabelecimento de ordem e poder, para a reconciliação com a mudança, enquanto aspecto dinâmico da vida. A mudança não mais como a ascensão heróica ao poder, mas como a prevalência de um regime cíclico, onde o que está estabelecido pode ser renovado, transformado.
Num ritmo oposto ao diurno - que se preocupava em dividir, alcançar e reinar – o regime noturno entrará por um processo de interiorização, introjeção, introspecção, fusão, harmonização, daí eu chamar essa categoria do discurso de Midas de *"Uterino" (Intimidade e Transformação)*. É uma descida ao interior da casa, inclusive a casa mental, com tendência a eufemizar as angústias trazidas no regime diurno.
Chamei a primeira subcategoria de intimidade, numa referência aos *símbolos da intimidade* que Durand classifica dentro da estrutura mística do imaginário. É visível (literalmente) o quanto as imagens de união, de casamento, de casal fazem parte do discurso de Midas:

> *"É porque eu sou romântico, ela não é romântica. Eu me lembro da data de namoro, da data de casamento. E ela não sabe nem disso, então..." (Eco e Narciso).*

> *"(...) aí quer dormir um dia lá em casa, dorme. Tranqüilo. Quer dormir no mesmo quarto, dorme no mesmo quarto. Se quiser ter relação sexual, tenha relação sexual"* (Órion e Enopião).

Os símbolos da intimidade são compostos pela moradia, habitação, casa. Espaços que contêm e que estão sempre presentes nos mitemas do discurso de Midas:

> "*Na fase dentro da casa dele, que é o Éden"* (Adão e Eva).
> *"E o paraíso mesmo, na realidade mesmo é na barriga da mãe".* (Adão e Eva)

Na categoria cíclica a morte de estruturas psíquicas, que estão tão arraigadas na psique de Midas, tenderia a um curso de transformação da energia e simbolismo, porém tem pouca representatividade no seu discurso.

"A cada hora o homem tá se reinventando." (Adão e Eva).

Como vemos até aqui, não se trata de interpretar os símbolos do discurso do participante a partir de sua história pessoal. Mas sim compreender como se articulam esses símbolos na dinâmica de sua mente através da dinâmica própria dos mitos na história da humanidade. Compreendemos a fixação neurótica da depressão e de outras psicopatologias plasmados por enredos mitológicos.
O movimento de entrar em contato com essas estruturas através da narração de histórias mitológicas e até mesmo contos de fadas, permite ao participante vivenciar esses enredos num ambiente relativamente seguro para então começar um processo de reequilíbrio em seus regimes de imagens. Religando o que estiver cindido.

4.3. Participante Apolo:

Apolo, 53 anos, sexo masculino, curso superior completo, formado em comunicação social, três pós-graduações. Apolo buscou tratamento no Caps com a queixa de depressão, pânico, sudorese, falta de ar, dores no estômago. Diz que acha que tem depressão desde criança. Na infância tinha muita dificuldade de aprendizagem e sentia-se excluído pelas outras crianças. Sua mãe teria pensado em interromper a sua gravidez, chegou a fazer duas tentativas, porém seu pai interviu não permitindo. O diagnóstico psiquiátrico provisório, baseado no CID 10 é F32.0, que corresponde ao episódio de depressão clássico, cujos sintomas já foram relacionados em capítulo anterior.
Apolo interage bem com os outros usuários em tratamento, exceto quando se isola. Seu discurso é prolixo e com tendência a abstração. Queixa-se do casamento e dificuldade de adaptação no trabalho. Ideação suicida, tendência a isolamento. Relata certos arroubos de irritação e agressividade. Não teria conseguido lidar bem com a morte da mãe. Queixa-se sobretudo pelo rumo que sua atividade profissional tomou, pois não tem certeza sobre as escolhas que fez na vida. Diz sentir-se perdido, como se não tivesse encontrado sua vocação.
Os mitemas destacados na constituição da primeira grande categoria *Persona Dramatis* (O Espetacular e O Mascarado) traduzem uma estrutura que é parte do regime diurno da imagem. As características solares, que enfatizam o conhecimento, a razão, os saberes, parecem ser a parte principal de um enredo que tenta envolver pela inteligência, pela cultura, pela esperteza – tal qual é o discurso do participante Apolo.
Diante da quantidade grande de símbolos que remetem à visão, ao verbal, à razão, ao que é luminoso, de valor intelectual, fica literalmente clara a dimensão que o racional tem na psique do participante Apolo. Encontramos dentre os principais mitemas da categoria "O Espetacular" imagens referentes aos "símbolos espetaculares" descritos na obra de Durand.
Símbolos de "Luz e sol: isomorfismo entre céu e luminoso; pureza celeste e brancura; o dourado e o azulado; o sol nascente (adoração do sol); as divindades solares (o Oriente); coroa e auréola (solaridade da espiritualidade)" (Pitta, 2005):

> *"Agora, eu tenho todo esse cuidado além de ser por ele também, é porque eu tenho uma filha, que tá na infância. Eu não quero que seja um exemplo, né? Quero que fique bastante claro" (Órion e Enopião).*

Apolo está discutindo sobre a preservação da pureza de sua filha, através de bons exemplos por parte do irmão mais velho. Utiliza o termo 'claro' como algo que distingue e purifica.Porém, encontramos principalmente símbolos de "O olho e o verbo: parte do isomorfismo luz-visão; visão e distância (o olho vence o espaço), o olho do pai (de Deus), olhar solar e uraniano; divindades com 'mil olhos'; valor simbólico intelectual e moral do olho" (Pitta, 2005):

> *"O fato de ele furar os olhos, deixando o rapaz mais inconsciente, né? Mostra o quanto ele se sentiu ferido. Porque ele não tinha previsto o casamento da filha, né?" (Órion e Enopião).*

Mais uma vez, Apolo imprime nitidamente uma correlação entre ver e conhecer: visão – consciência - razão. Pois o que é visto e o que é olhado podem ser conhecidos e devidamente analisados. Ver, nesse sentido é saber. E o saber parece ser um aspecto valorizado sobremaneira por este participante.
Muito do comportamento de Apolo na interação com os outros usuários da instituição - geralmente com uma postura de superioridade e aparente intelectualidade – assim como nos pronunciamentos que faz nos grupos terapêuticos observados, identifica-se gestos e frases de efeito de aproximações dramáticas. Este usuário, por algum tempo em que se pode observar, costuma se postar como conselheiro dos outros integrantes do grupo.

> *"Então é essa a proposta da vida humana. É essa proposta. A proposta é social, é depender dos outros. Eu tô falando aqui porque tá todo mundo olhando pra mim, se eu tivesse sozinho eu já tinha mudado o meu discurso" (Adão e Eva).*

Mitemas da subcategoria "O mascarado" traduzem imagens ligadas ao mito de Hermes, deus da mitologia grega, filho de Zeus e da ninfa Maia. Logo após o nascimento, Hermes já deu mostras de seu aspecto mascarado e espertalhão, ele é um dos símbolos da inteligência engenhosa e realizadora. Sua força é limitada a um nível utilitário e facilmente corruptível. Hermes significa igualmente o intelecto pervertido, que se encontra em todos os tipos de ardis, certa habilidade maliciosa e de astúcia (Chevalier & Gheerbrant, 2006).

> *"É, quando eu digo "astuto" não é uma intenção boa, não. É uma intenção assim, maliciosa. Agora, ele tava brincando com essa situação e foi uma confusão" (Órion e Enopião).*

> *"O outro não, o outro foi malicioso. O outro foi astuto, foi malicioso. O outro embebedou mesmo e esperou no quê que ia dar" (Órion e Enopião).*

Dessa forma, vemos que a razão, simbolizada pelas imagens de luz, de olho, de visão, de voz e discurso tem ascendência absoluta no imaginário de Apolo. A inteligência e esperteza de Hermes trazem referências ao arquétipo da máscara no total desta psique e as imagens de olho, visão, distinção entre certo e errado, pureza, fazem parte do mito do próprio deus Apolo, que representa a inteligência e a razão num aspecto que busca o topo, a elevação.
Este participante traz imagens do mito de Hermes, porém a fixação no enredo mítico do deus Apolo é vasta em referências e imagens no seu discurso e em sua história pessoal.
O nascimento de Apolo é permeado de perigos, pois Hera ordenou a deusa dos partos Ilítia que mantivesse as pernas cruzadas, impedindo que Leto desse a luz. As outras deusas

intercederam por Leto junto a Hera, sensibilizadas com seu sofrimento e esta decide liberar Ilítia da posição fechada. Ártemis é a primeira a nascer, seguida por Apolo (Maciel, 2000).
Já neste primeiro momento do mito, percebemos uma semelhança quanto à história do nascimento do participante Apolo:

> *"Exatamente. Então, o Éden quando eu digo que é no período uterino é porque no nascimento tem muitos traumas, né? No nascimento. Então enquanto o bebê tá sendo gerado realmente é um momento de... É o único momento onde a gente é totalmente alimentado, né? E totalmente... Então depois que a gente nasce já vem o trauma do nascimento, né?" (Adão e Eva)*

No decorrer do discurso do participante Apolo, situamo-nos num outro mitologema, qual seja a viagem heróica em busca do "*Tornar-se Indivíduo"*, título da sua segunda categoria. Sendo arquetípico, este mitologema é comum à psique individual em várias culturas, de todos os tempos. Seu mais famoso mito é a Odisséia, poema que segue os eventos da viagem de Ulisses, rei de Ítaca, que volta da guerra de Tróia.
O participante Apolo traz entre suas queixas uma agressividade sempre prestes a explodir. Os amores, as vinganças e expiações desse deus estão imbuídos do tema morte, que pode ser encontrado em abundância no discurso do participante.
Parece que a quase morte que marcou o seu nascimento, pautou suas reflexões sobre o tempo e sobre como enfrentá-lo. "Morte e angústia existencial se expressam através das imagens relativas ao tempo" (Pitta, 2005).

> *"Quer dizer, eu nasci ele tinha 34. Por aí, por aí... Então, veja bem, mas papai era da geração de 1920, meu pai nasceu em 1918. Aí ele fez um esforço muito grande pra me acompanhar e não conseguiu. Fez um esforço muito maior pra acompanhar meu irmão mais novo e também não conseguiu" (Órion e Enopião).*
> *Acompanhar no que?*
> *"Na vida (...). Porque a medicina na época não conseguiu dar bons resultados com ele, como hoje daria. Aí, veja bem, aí ele não conseguiu nos acompanhar, certo?" (Órion e Enopião).*

A constante necessidade de sentir-se adaptado e de corresponder a mudanças, evoluir, sua preocupação em saber se fez escolhas certas ou erradas. Tudo isso é característica de um herói solar, apolíneo em seus traços violentos, mas também em sua constante preleção pela racionalidade. A busca pelos papéis sociais mais adequados ainda é uma constante no discurso do participante Apolo.
Este participante apresentou em seu discurso uma quantidade ínfima de imagens que pudessem fazer referência à aspectos do regime noturno, do aconchego ou mesmo do regime sintético, da transformação.
Tal aspecto não favorece o equilíbrio tão precioso dos regimes de imagens. É necessário que o participante Apolo entre em contato com estes outros aspectos do imaginário, para que possa sair da fixação que se instaura na sua neurose. O mito pode ser um facilitador, visto que a partir da narrativa deles Apolo entrou em contato com âmbitos de seu imaginário que podem auxiliá-lo nesse enriquecimento simbólico.

4.4. Participante Moisés:

O participante Moisés tem 52 anos, curso superior completo. Proveniente do alto sertão pernambucano, Moisés conta uma história de muitos percalços e injustiças. Vem de uma família com denso histórico de doença mental, depressão, esquizofrenia, transtorno bipolar, alcoolismo e suicídios. É casado, pai de um casal de filhos. Sua esposa é profissionalmente ativa, enquanto ele cuida da casa. Não vivencia tranquilamente a sua sexualidade, tendo uma relação relativamente estável com a esposa. Um de seus filhos também está enfrentando problemas de saúde mental, o pai tem ainda dificuldades de relacionamento com o outro.
Tem boa posição social e não enfrenta dificuldades financeiras. Relata ideação suicida. Moisés é católico e freqüentador da Igreja todas as semanas. Por algum tempo, um de seus maiores desejos era tornar-se juiz. Trabalhava numa instituição pública na qual enfrentou problemas e se aposentou com diagnóstico provisório psiquiátrico de depressão F32.3, **"E**pisódio depressivo grave acompanhado de alucinações, idéias delirantes, de uma lentidão psicomotora ou de estupor de uma gravidade tal que todas as atividades sociais normais tornam-se impossíveis; pode existir o risco de morrer por suicídio, de desidratação ou de desnutrição" (Ballone, 2005).
Dentro da instituição, este participante mantém boa interação com o grupo. Sua principal característica é a constante tentativa de ajudar a todos, seja financeiramente, seja com conselhos. Sempre preocupado com os outros, sempre se dispondo a colaborar. A principal marca de seu discurso nos grupos realizados é a ojeriza pela injustiça social. Não costuma levar suas questões pessoais para serem trabalhadas no grupo e geralmente generaliza o tema discutido para a sociedade.
A primeira grande categoria de Moisés foi chamada de "*O Salvador"* (Sacrifício e Profeta). Ainda no regime diurno das imagens, o discurso de Moisés denota o protótipo do herói salvador, protagonista de uma trama em que tem infância desconhecida, espírito de contestação e morte: Jesus Cristo, Tiradentes (Maciel, 2000).
Dentro de uma categoria de símbolos espetaculares, aos quais já nos referimos anteriormente, delineia-se a subcategoria "profeta". Para exemplificar destacamos trechos nos quais o participante Moisés traz núcleos como:

> *"... E Deus falou logo: ' só não coma o fruto daquela dali, da árvore do conhecimento. Aí ficou aquela dúvida, né? 'Que segredo é esse? Vamos comer pra ver qual é (...)? Não é verdade?" (Adão e Eva).*
>
> *"É como fosse (...), mas ele recebia orientação direta de Deus, o pai dele. Comunicava-se direto" (Adão e Eva).*

No que tange aos mitemas e gestos encontrados em discursos e inter-relações de Moisés, é possível o vislumbre de imagens relativas ao sagrado e à sabedoria suprema, tais quais os Druídas: sacerdotes sacrificadores, adivinhos e especialistas em ciências físicas.

> *"Só Ele mesmo. Ninguém vai chegar a ser totalmente, mas a gente tem que procurar imitá-lo. (...) Pra a gente chegar... Se a gente quiser ir pro paraíso, a gente que procurar cada vez mais se tornar santo. Que santo que a gente tem é aquele que segue o que Cristo deixou aqui na Terra" (Adão e Eva).*

A subcategoria do sacrifício, traz mitemas de resposta à angústia do tempo e da morte que fazem parte de categorias de símbolos já antes discutidas, tais como os relativos à animalidade:

"*Então causa aquela expectativa e aí... É.... E a cobra ainda vai... A serpente ainda vai colocar mais expectativa na cabeça deles" (Adão e Eva).*

Símbolos catamórficos, relativos à queda:

"E ele não resistiu à tentação..." (Adão e Eva).

Evidencia-se um turbilhão de imagens angustiantes, negativas. Sua resolução contra a angústia do tempo e da morte parece ser a do sacrifício.

"É tanto que Cristo veio pra resgatar todos os nossos pecados de Adão e Eva" (Adão e Eva).

"Então ele sofreu, morreu pra nos salvar" (Adão e Eva).

O sacrifício é a ação de tornar algo ou alguém sagrado, separado daquele que o oferece do mundo que se mantém profano "separado de si e oferecido a Deus, como prova de dependência, obediência, arrependimento ou amor" (Chevalier & Gheerbrant, 2006). O sagrado parece ter uma importância ímpar no discurso de Moisés, pois tendo feito o sacrifício de si próprio a Deus, torna-se propriedade Dele e, portanto é intocável, inalienável. Natural que o participante Moisés não se refira às suas experiências pessoais em seu discurso, e que se mantenha tão distante de si próprio, pois sacrifica o próprio *self.* Atitude que é oposta à meta de integração da personalidade, e que poderia sanar a neurose e distanciá-lo da Depressão.
Moisés não se resignou à injustiça que a vida lhe pregou e sua atitude mantém-se numa tentativa de racionalizá-la através de doutrinas e filosofias que possa restabelecer sua confiança na equidade do universo.

"Isso quer dizer o seguinte: o caba que não segue o que Cristo deixou aqui... Não segue, não... Não procura seguir, então ele vai se dar mal" (Adão e Eva).

Naturalmente, sua crença de que os bons serão recompensados e os maus punidos, mesmo que na vida espiritual, traz para ele certo alívio. Daí a importância do participante ser suscitado a entrar em contato com um regime de imagem transformador, que não fixe apenas os aspectos negativos da morte e do tempo. Essa categoria foi chamada de "Dentro", pois se condensam nela símbolos que remetem ao regime noturno do imaginário, de acordo com a classificação proposta por Durand.

"*Quase sempre sem querer"*;
"Quando você menos espera";
"Então ou você relaxa...";
"Você não precisa se preocupar, não" (todos mitemas de Órion e Enopião).

Com os mitemas relativos ao calendário
"E a partir daí veio a transformação do mundo, inclusive até no calendário. O calendário é mundial, antigamente cada um tinha uma data diferente..." (Adão e Eva).

Essa positividade do tempo é proveniente de uma prévia harmonização e integração de opostos simbólicos, pertinente ao regime noturno. O pressuposto da totalidade psíquica, busca

a harmonização dos contrários e estabelece a conexão entre as 'trevas' e a 'luz', favorece a comunicação e troca entre esses dois extremos levando o indivíduo a experimentar o equilíbrio.
O próprio Durand (1997) ao introduzir o capítulo relativo ao Regime Noturno no livro "As estruturas Antropológicas do Imaginário" refere que o psicoterapeuta recomenda, "na prática ascensional do sonho acordado, não 'largar' o sonhador" no cimo da montanha, mas sim fazer com que ele volte paulatinamente ao seu ponto de partida, religando a um ritualístico e simbolismo noturno.
Importa ao terapeuta oferecer o contato com o mítico para que ele se concretize e possa ser imageticamente trabalhado: é transformar o que de ruim estava na consciência e que pode ser re-significado no contato com as profundezas de um sujeito em tão estreita relação com a morte. É, sobretudo, dialeticamente trazer nova vida.

5. Considerações finais

A utilização da narrativa mítica na clínica em pacientes neuróticos, mostrou-se enriquecedora, pois favoreceu um contato destes participantes com imagens arquetípicas. Pôde-se perceber que a partir dos mesmos mitos os caminhos percorridos pelo discurso dos participantes versaram por temas relativamente diferentes, que é do subjetivo. Na leitura do mito de Adão e Eva, por exemplo, Moisés fixou-se no aspecto messiânico, Apolo no aspecto da jornada de vida e suas escolhas, e Midas no aspecto do paterno. Atravessaram outros temas, mas sempre deixando entrever os deuses que os 'possuem'. Ainda assim, em todos os discursos foram identificados mitemas referentes ao ciclo heróico, que é arquetípico e premissa para a jornada de individuação.
O mito permite esse contato com a dimensão coletiva da psique humana, que pode ser mais bem trabalhada na imagem. No último mito narrado, qual seja de Eco e Narciso, uma psicóloga que estava presente e que também facilitava uma parte do grupo propôs a realização de uma cena a partir do que os participantes achassem mais interessante na narrativa. Esta técnica mostrou-se reveladora e os gestos e tons de voz utilizados traduzem bem os mitemas que seriam posteriormente identificados.
O participante Midas, por exemplo, ficou de costas para a coadjuvante Eco, olhando para o espelho da janela ao falar e responder suas interpelações, não olhava nos seus olhos um minuto sequer enquanto dialogavam mantendo uma atitude de superioridade. Era de se esperar que sua postura fosse de superioridade, visto que era Narciso quem ele interpretava. Porém, o seu posicionamento físico em relação a ela poderia ser fotografado e utilizado como mitema, sem precisar ser traduzido em palavras. Vemos, desta forma que o conteúdo mitológico disposto numa narrativa desta ordem atravessa não apenas o racional dos participantes, mas atravessa também, sobretudo o que é da ordem das predisposições inconsciente e mítica para ação. Daí a sua importância.
No que concerne ao objeto de estudo depressão, os discursos dos participantes trazem imbricada uma cisão psíquica típica de sua neurose, onde a apresentação de imagens pertencentes ao regime diurno e ao regime noturno se mostra em proporções discrepantes. Certamente, a sociedade ocidental e os valores que nos circundam, favorecem um imaginário diurno. Porém, a quantidade de imagens do diurno remete à vivência angustiante do tempo e da morte, podendo estar relacionada ao diagnóstico destes participantes.
Há uma aproximação destes participantes com uma vivência angustiante do tempo e da morte e os mitemas noturnos que poderiam vir em seu 'socorro' no sentido de suavizar, transformar e integrar as vivências, nem de perto podem fazer essa articulação, pois não estão disponíveis na consciência deles. Resta acrescer que esta integração é fundamental para que o sujeito seja

conduzido do Mundo Inferior ao seu reino individual através de mitemas resgatados do seu imaginário, mas que estão à sombra de sua consciência.
Compreendeu-se que o mito está presente na interação deste paciente com o mundo e consigo mesmo, porém tal registro não chega à sua percepção, podendo mesmo cumprir o enredo mítico até o seu final, caminhando em círculos durante toda a vida. Assim como o mito de Édipo bem empregado por Freud representa uma situação de vida comum a todos, os outros mitos não podem ser descartados, pois fazem parte também da nossa experiência.
Nesta única análise foi identificada na psique dos participantes a presença de mitos que falam da criação, do poder, do sagrado e que não podem ser ignorados, pois sua re-significação é crucial para que estejam integrados. Não apenas o sexo e a relação parental fazem parte dos aspectos dissociados dos participantes, mas, sobretudo o que está em sua mente e funciona simbolicamente como um nó de energia, o complexo. Esse nó vem tanto da experiência pessoal como da cultura, esses dois aspectos estão em constante troca de informações. E isso pode ser visto na maneira como os participantes articularam seus discursos, em sua maioria falando do "outro", mas falando ao mesmo tempo de si.
A utilização da antropologia do imaginário como base para as investigações foi de crucial importância. Esta teoria funcionou como um referencial do humano, coletivamente falando, que proporcionou uma compreensão dos discursos a partir desse viés e articulou-se com a psicologia analítica junguiana no que ela elabora como arquetípico. Dessa maneira, o imaginário auxilia o resgate de aspectos relegados pelo homem atual e que não deixam de ser um dos fatores que constituem a teia que o leva à descida da depressão.

Bibliografia

AUGRAS**,** Monique. *A Dimensão Simbólica, O simbolismo nos testes psicológicos*. Editora Vozes. Rio de Janeiro, 1980.
BACHELARD, Gaston. *O Direito de Sonhar*. Editora Difel. São Paulo, 1986.
A Poética do Espaço. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1993.
BALLONE, Geraldo José. *CID. 10 – Classificação Internacional de Doenças – 10ª. REV. OMS – ONU.* In: (http://virtualpsy.locaweb.com.br/cid.php). Campinas, 2005.
CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionários de Símbolos.* Editora José Olympio. Rio de Janeiro, 2006.
DURAND, Gilbert. *Mito, símbolo e mitodologia.* Ed. Presença. Lisboa, 1982.
As Estruturas Antropológicas do Imaginário. Editora Martins Fontes. São Paulo, 1997.
ELIADE**,** Mircea. *Mito e Realidade.* Editora Perspectiva. São Paulo, 2002.
EY, Henry Bernard, P., BRISSET, CH. *Tratado de Psiquiatria.* Editora Toray-Masson S.A. Barcelona, 1975.
GREENE, L. & SHARMAN-BURKE, J. *Uma Viagem Através dos Mitos.* Editora Jorge Zahar. Rio de Janeiro, 2001.
HILLMAN, James. Psicologia Arquetípica. Editora Cultrix. São Paulo, 1988.
MACIEL, Corintha. Mitodrama: o universo mítico e seu poder de cura. Editora Agora. São Paulo, 2000.

PITTA, Danielle Perin Rocha. Introdução à teoria do imaginário de Gilbert Durand. Editora Atlântica. Rio de Janeiro, 2005.
PORTAL MIDIS. Dicionário de Mitologia grega e Romana. In (http://dicionario-de-mitologia-grega-e-romana.portalmidis.com.br/). 2006.
SHARP, Daryl. Ensaios de Sobrevivência: Anatomia de uma Crise de Meia-Idade. Editora Cultrix. São Paulo, 1988.
SILVEIRA, Nise da. Jung: Vida e Obra. Editora Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1997.
O Mundo das Imagens. Editora Ática. Rio de Janeiro, 1992.
SOLOMON, Andrew. O demônio do meio-dia. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2002.
SOUSA, Ismênia. Mito e mito literário: trajectórias de teorizações no século XX. Editora Universidade de Porto. Porto, 2002.
WHITMONT, Edward C. A Busca do Símbolo. Conceitos Básicos de Psicologia Analítica. Editora Cultrix. São Paulo, 2002.

PRESERVAR / CONSERVAR A NATUREZA : UMA CONSTRUÇÃO IMAGINÁRIA?

Rita de Cássia Costa Garcez Cirincione
(Assoc.Ylê Seti do Imaginário/NIEI/UFPE)

> *"A natureza começamos por amá-la sem conhecê-la, sem vê-la bem, realizando nas coisas um amor que se fundamenta alhures. Em seguida, procuramo-la em detalhe, porque a amamos em geral, sem saber por quê. A descrição entusiasta que dela fazemos é uma prova de que a olhamos com paixão, com a constante curiosidade do amor. E se o sentimento pela natureza é tão duradouro em certas almas é porque, em sua forma original, ele está na origem de todos os sentimentos. É o sentimento filial. Todas as formas de amor recebem um componente do amor por uma mãe... A natureza é para o homem adulto, diz-nos Marie Bonaparte, '**uma mãe imensamente ampliada, eterna e projetada no infinito**' Sentimentalmente, a natureza é uma **projeção** da mãe".*

Começo assim, esse texto, fazendo a citação acima de Bachelard (1997), em seu livro A Água e os Sonhos (pág.119) tentando iniciar, aqui, a busca por uma reflexão acerca da noção de preservação e conservação da natureza, no universo teórico do imaginário. Inicio, assim, a minha viagem imaginária, mergulhando nos textos que consideram o imaginário uma teoria e dentro da teoria do imaginário.